

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 604	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	5950	5120	5 DE OUTUBRO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsave Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Chegou outubro. Abriram os collegios. Começaram os exames, os terriveis exames de outubro, a derradeira esperança.

Andam magros os rapazes, inquietos os paes.

Outubro! O mez tem um feitiço triste com aquelle *O* por que principia, aquelle *O* por que termina. Dois zeros. O som é soturno com aquelle *U* dominante. Aquelle *B* e aquelle *R* juntos fazem frio. Br...! Outubro!

As crianças teem sonhos inquietos, os paes teem pesadêlos. Outubro, a ultima esperança! E até alta noite está no quarto o candeeiro acceso sobre as formulas da algebra, os enigmas da philosophia, os commentarios da litteratura, os accusativos em *im: Amussis, Burris, Cannabis...*

E o pobre rapaz já em embrulha tudo. *Amussis, Burris, Cannabis, Gaitis, Chumbis, Raposis...*

Uns costumam-se, outros nunca.

D'um sei eu que só em mineralogia sahi reprovado desanove vezes. Tinha trinta e nove annos e estava envelhecido, calvo, tremulo, desdentado. Deram-lhe um dia um pedaço de sal marinho para elle examinar. Ajudavam-o, davam-lhe clarões.

—Uma coisa de que o sr. faz uso todos os dias.

E elle muito contente, logo:

—Já sei. E' absintbo.

Outros, coitados, são acanhados, réos convictos. O examinador *pa* rece-lhes o delegado do ministerio publico. No *instante* de abrirem a bocca para responder á primeira pergunta, fogem-lhes as idéas, uma confusão medonha apodera-se-lhes dos cerebros, respiram difficilmente, turva-se-lhes a vista, carrilhões de campainhas pequeninas zunem-lhes aos ouvidos e n'aquelle atordoamento nada ouvem, nada entendem. Dão respostas como estas:

—O que é um barometro?

—E' por causa do zero.

Outros, ainda, vão todos confiados no sangue frio e na cabula. Um exemplo:

—Demonstre-me a elasticidade do marfim.

Tosse com ar superior e dá uma joelhada no visinho. Este faz de ponto; confôrme pôde vai-lhe soprando baixinho. O outro ás vezes ouve, outras não.

—Então? Vamos.

Joelhada.

—Besunta se uma placa de marmore com um pouco de azeite.

—Basta *unta-se*. E depois?

Bons gestos. Sangue frio. Confiança de que ha de chegar ao fim sem maiores barrancos.

—Deixa-se cahir d'alto a bola.

O examinador, percebendo a marosca e não tirando os olhos do ponto, que se assôa para disfarçar:

—E depois?

—E depois... está visto.

—Está visto o quê? O que acontece á bola?

—Fica azeitada, a bola não salta.

Por onde se prova a elasticidade do marfim.

Abriram os collegios. Acabaram as ferias. Deus as ajude, pobres creancinhas.

Foram-se. Como a casa ficou triste sem ellas! Nem a gente sabe se amanhã ao sol nascente abri-

rão as campainhas da trepadeira, se os pardaes virão para o telhado chilrear alegres. Manhã sem luz, sem alegria! Um silencio lugubre em toda a casa!

E emquanto ellas enxugam sobre os livros de pesada sciencia as ultimas lagrimas d'uma saudade, enquanto o seu pensamento vem ter com o nosso que as chama, chega-lhes lá, ao cantinho da prisão, o ecco das alegrias cá de fóra, das festas em que andamos, alegrias, festas, que o são sobretudo para quem n'ellas não anda, para quem as imagina, pobres passarinhos engaiolados, que tanto desejariam o impossivel, voar até ao sol!

Mas, se o tedio é companheiro inseparavel de todos os que sequiosos procuram uma distracção

para o espirito acabrunhado n'uma paz idiota, e que levam para toda a parte o mesmo sorriso alvar e complacente, de boa sociedade, que se tratê do Tannhauser ou d'uma contradança, d'uma exposição ou d'um bazar, outros, anciosos, esperam, como um refugio onde hão de aconchegar, as almas doloridas, suavemente, essas extraordinarias manifestações d'arte, que, este anno ainda, nos vai ser dado applaudir.

Sabiamos já do Novelli; annuncia-se agora a Sarah Bernhardt.

Esta é já conhecida entre nós, é a rainha da scena; é universal a fama da sua voz d'oiro. Todos lhe conhecem a historia, os caprichos, as excentricidades. Todos sabem de que prodigioso



DR. SEBASTIÃO DE MAGALHÃES LIMA

(copia de uma photographia do sr. A. Bobone)

talento Deus dotou aquella cabecinha loira e gentil. E' celebre tambem a sua magreza.

— N'isto chega uma carruagem sem ninguem. E quem se ha de apeiar? Sarah Bernhardt.

E' a grande tragica moderna. Tem hoje perto ou mais de cincoenta annos e é rainha por ora.

Novelli ainda está no Porto, cujos jornaes constantemente veem cheios dos mais entusiasticos elogios ao seu enorme talento. Consta-nos que se estreiará em Lisboa com o *Luiç XI* de Casimiro Delavigne, seguindo-se immediatamente *Os espectros* de Ibsen e uma das peças de Shakespeare que fazem parte do numeroso repertorio do celebre artista italiano, um dos mais notaveis actores modernos. E' pasmosa a facilidade com que elle abarca os generos mais diferentes, representando hoje o *Othello* ou a *Morte Civil*, amanhã *Schylock* ou a *Madrinha de Charley*, a tragedia, o drama, a comedia, a farça.

Bom é assim trazer uma ou outra boa nova n'este principio de inverno que Noherlesoom, o saragoçano, annuncia feroz e descabellado. Tudo são baixas pressões, regimens cyclonicos, chuvas tempestuosas, grandes borrascas.

E porque esse homem possui dados para outros misteriosos ou pode do que é dado a todos tirar conclusões que outros não sabem, como aos antigos bruxos da idade media, ha quem lhe tenha pavor, odio, em vez de reconhecimento pela sciencia, gratidão pelo aviso.

Houve terra, não sei onde, em que pelos ultimos temporaes que deram cabo das vinhas, trovoadas, chuvas preditas pelo sabio hespanhol, o povo sahio para a rua dando morras ao saragoçano. Bemditas almas!

Não é ainda intelizmente por toda a parte que os que trabalham para o bem de todos podem esperar o pago que lhes é devido. Saber reconhecer o merito é prova d'uma civilização adeantadissima.

Bem haja por isso a França que tão bem soube glorificar em vida o santissimo thaumaturgo que se chamou Pasteur e foi n'este seculo um dos maiores amigos dos homens. Trabalhou durante mais de cincoenta annos, mas teve a recompensa dos seus esforços, das suas lutas, das suas conquistas immortaes! Que vida a d'esse homem desde humilde preparador de chimica na Escola Normal em 1846 até sabio descobridor da cura da hydrophobia!

O que lhe devemos ninguem o pode avaliar por enquanto. Se de uma simples analyse feita por Lavoisier á pellicula vermelha que lhe appareceu sobre o mercurio, resultou todo a chimica moderna, quem sabe quantos problemas virão a resolver um dia os estudos bacteriologicos, a grande gloria do sabio francez? É enorme o bem que lhe devemos, é nada talvez se o compararmos ao bem que tem de ser.

Como deve ser deliciosa a hora da morte para uma consciencia d'aquellas! Foi util aos seus, provou que os amava. O nome glorioso foi aclamado n'um só dia, pelo mundo inteiro, n'um só grito de expansiva gratidão!

Eis uma vaga difficil de preencher na Academia Franceza. Quem será o immortal que ha de sentar-se na cadeira d'esse Immortal?

Immortalidade! Não é uma coisa relativa. E porque aos academicos lhes chamam immortaes... Immortalidade no pó dos archivios.

E por essa vaidosa alcunha quantas luctas mesquinhas, quantas miserias, quanta consciencia vendida, quanto pasto a invejas e a vaidades!

Se o mundo tem de ser assim! Se a gralha ha de sempre enfeitar-se com as pennas do pavão, se os photographos amadores não de ter os habitos dos artistas, se os criticos se não de julgar uns genios, se as feias não de ser coquettes, se os generaes não de pintar os bigodes!

Dulcissima illusão com que um parvo quer voar para a immortalidade!... Academico!

E no riso de troça com que a gente acolhe os Commentarios sobre Marco Aurelio do *Immortel* de Daudet, ha, ao mesmo tempo, o que quer que seja de doloroso.

Não, a humanidade não vale o trabalho de Pasteur, que tão superior lhe foi.

E o logar ha de ser um só e a turbamulta dos insignificantes ha de atirar-se a elle, sem pudor, sem reserva, não recuando deante das baixezas, das intrigas, do empenho da favorita, de toda a casta de hypocrisia manhosa, de vilzeza sabida, conhecida, de mollas gastas, mas ainda de valor.

Tal qual como por cá para um logar de amannense.

João da Camara.

MAGALHÃES LIMA

Conheço o desde 1878. Ha bons desassete annos, em um segundo andar da rua dos Retrozeiros, uma casa de hospedes onde se hospedava Guilherme de Azevedo, que eu visitava ameudadas vezes, fui por este apresentado a Magalhães Lima, que occupava um quarto contiguo ao do Guilherme, e desde essa occasião ficámos amigos, como não podia deixar de ser, porque poucos homens tenho conhecido mais sympathicos, transluzindo-lhe na frente a bondade nata do coração e a animação viva de um espirito exaltado e intelligente.

N'aquelle tempo tudo eram planos, projectos; comentava-se o comicio da vespera, preparavam-se os discursos para o do dia seguinte, e emquanto á mesa do almoço, em que muitas vezes foi surprehender os dois, Magalhães Lima e Guilherme de Azevedo, se discutia acaloradamente as questões do dia antecedente, desde o artigo de fundo do sr. Marianno de Carvalho até á Ristori que exhibia a sua decadencia em S. Carlos, eu observava com alegria a expansão e enthusiasmo com que Magalhães Lima expendia as suas idéas avançadas, cheio de convicção, que contrastava singularmente com o sorriso sarcastico de Guilherme de Azevedo, difficil de se deixar levar na mesma onda de enthusiasmos em que nadava o seu companheiro de hospedagem.

Eu era simples espectador d'aquellas discussões, especialmente no que tocava a politica, e quando muito, apenas entrava na discussão como calmanete, com algum dito que atalhava a questão, provocando replicas e terminando todo em boa e franca gargalhada.

Então tinha eu occasião de apreciar quanto valia aquelle orador trovejante, que se aquecia e parecia enflamar em odios, ou meio das discussões e que afinal serenava em risonha bonança, de um céu tão azul como os seus olhos, a dizerem-nos toda a bondade que lhe vae lá dentro, na alma e no coração, sem sombra de rancor ou de vingança.

Magalhães Lima tinha então os seus vinte e sete annos e aquelle vigor que ainda o não abandonou nas grandes luctas da imprensa e das assembleas populares. Continuava em Lisboa a sua propaganda democratica, iniciada em Coimbra, onde, ainda nos bancos da Universidade, que elle frequentou com rara distincção, ridigia a *Republica Portuguesa* com Alves da Veiga, Abreu de Moraes e outros, destacando se de todos pelo desassombro das suas idéas e arrojo da sua palavra arebatadora, de um peninsular que tivera a doirar-lhe o berço o Sol abrazador da America e que viera desabrochar a infancia sob este céu morno e luminoso de Portugal.

Era aquelle o orador que devia cumprimentar Castellar, em nome da academia, quando, em 1874, o grande tribuno peninsular visitou Coimbra; era aquelle o jornalista que annos depois havia de fundar o jornal de maior propaganda democratica em Portugal.

Os planos de Magalhães Lima haviam de chegar á execução; o advogado havia de ceder o logar ao jornalista; o tribuno dos comicios populares havia de ser tambem o luctador vigoroso da pena, e o que fundara o *Districto d'Aveiro*, o redactor do *Diario da Tarde*, onde combateu vigorosamente o ultramontanismo, o collaborador da *Democracia*, do *Mosaico* e do *Jornal de Lisboa* onde escreveu ao lado de Silva Pinto, de Luciano Cordeiro, de Gomes Leal e de Guilherme de Azevedo, o auctor do *Espectro de Juvenal*, da *Actualidade*, de *Padres e reis*, e de *O Papa perante o seculo*, fundava em 1879 o *Commercio de Portugal*, jornal de grandes dimensões e que se destacava fortemente pelas suas idéas democraticas.

A orientação politica do *Commercio de Portugal* tinha, porém, de ser mais conservadora, e d'ahi nasceram divergencias na redacção, que levaram Magalhães Lima a apartar se d'aquelle jornal e a tratar de fundar uma nova folha onde pudesse livremente fazer a sua propaganda democratica, e combater pelo seu ideal politico, com todo o vigor das suas convicções.

E assim nasceu o *Seculo*, onde ao lado de Magalhães Lima, vieram combater, Alexandre da Conceição, Manuel d'Arriaga Augusto Rocha, Theophilo Braga, Gomes Leal, Teixeira de Queiroz, Leão de Oliveira, uma phalange avançada de novos, de que Magalhães Lima era, talvez o mais moço, mas nem por isso o menos denodado e prestigioso.

A fundação do *Seculo* devia ser a sua grande gloria, e se a lucta que travou foi das mais rijas que temos observado no jornalismo portuguez, foi tambem das que tem sido coroadas de melhores resultados.

O *Seculo* permittiu a Magalhães Lima a sua grande popularidade. Os acontecimentos de 1881

pozeram-no mais em evidencia, pela parte que o seu jornal tomou na questão de Lourenço Marques, e parece-me ainda vel-o nos comicios que se realisaram, discursando em publico, elle com a fronte illuminada e os seus louros cabellos annelados expostos aos raios do sol primaveral, arrebatando o auditorio em entusiasticos applausos, com a fluencia da sua palavra quente e sonora de verdadeiro tribuno popular.

Magalhães Lima estava então no seu elemento, como ainda hoje sempre que as circunstancias a isso o impelem.

Ainda nas ultimas eleições que se realisaram em Lisboa, o ouvi trovejar violento e intransigente contra mim, porque presidindo eu a uma assemblea eleitoral, não mandava prender um eleitor sobre o qual havia a suspeita de ter votado em outra assemblea, o que só depois se verificou.

E Magalhães Lima, que assim reclamava todo o rigor da lei contra o pobre eleitor, seria o primeiro a soccorrer o desgraçado se elle carecesse da sua protecção.

E' proprio dos grandes caracteres esta generosidade d'alma, e é por isto que Magalhães Lima tem as sympathias de todos e a amizade de muitos ainda d'aquelles que militam em campos oppostos da politica.

Não podia deixar de ser assim o auctor de *O Socialismo na Europa* da *Federação Iberica*, de *O Primeiro de Maio*, e de *O Livro da Paz*, a sua ultima obra.

Este livro, principalmente é o que lhe sahio mais de molde, em que Magalhaes Lima mostra o seu enthusiasmo peio bom velho Charles Lemonnier, o grande propagandista e evangelizador da paz e da união dos povos.

Feliz quando se deixa influenciar por estas doutrinas, o amor da humanidade não lhe obscurece o amor da sua patria, e assim o vemos em toda a parte pugnar pelo seu paiz como ainda ha bem pouco, no Congresso Internacional da Imprensa, reunido em Bordeus, onde Magalhães Lima representou levantadamente a imprensa portugueza e ao encerrar-se o congresso pronunciou um caloroso e vehemente discurso, convidando toda a imprensa para um congresso em Lisboa, em 1897, por occasião do centenario da descoberta da India.

E que mais poderei dizer, n'estas breves linhas que não aspiram a uma biographia de quem tem tanto ainda a fazer, na força de vida em que se encontra?

Que a boa amizade de Magalhães Lima me releve as incorrecções d'este esboço, tão mal delineado, para dar idéa de uma tão distincta individualidade.

Caetano Alberto.



AS NOSSAS GRAVURAS

REGATA DO REAL CLUB NAVAL

No meio de uma verdadeira semsaboria e desanimação completa, realisou-se do domingo 15 do mez passado a regata official do *Real Club Naval*.

No entanto o dia prestava-se a uma diversão mais animadora; o vento fresco bom para os yachts, o mar levemente picado magnifico para as guias, e sobretudo um céu azul purissimo. Essa desanimação proveiu simplesmente da pouca variedade de competidores e o facto das embarcações serem todas do mesmo club, pois que por mesquinha e mal entendida rivalidade entre os nossos clubs quando concorre um ou organisa uma regata não por bem os socios dos outros de não apparecerem.

Imagine-se que em tres corridas a fio se bateram sempre os mesmos dois escaleres: *Tejo* e *Douro*!

D'aqui resulta que este lindissimo e util genero de sport acaba por não dar mostas de si, o que é muito preferivel a regatas sem competidores.

E' com tristeza que lamentamos taes dissensões e esperamos que se não repitam fazendo com que acabe o mais apropriado genero de divertimentos portuguezes, quando temos um rio delicioso, bahias formosissimas como não possui melhor nenhum povo da Europa.

Ahi vae o resultado da regata, á qual assistiram bastantes pessoas de terra e no mar, sendo os convidados e imprensa a bordo do vapor *Victoria*, e S. M. El-rei e seus ajudantes srs. Roberto Ivers e

João Vellez Caldeira, de bordo do elegantissimo yacht a vapor *Amelia*, propriedade de El-rei.

A regata durou desde o meio dia até ás quatro horas da tarde, e á noite houve grande animação na pittoresca praia de Paço d'Arcos pois que, os competidores organizaram uma marcha *aux flam-beaux*, e saudando os diversos clubs, conseguiram resgatar em terra a apathia de que deram provas no mar.

Na primeira corrida de véla sahiram ao tiro o schooner *Lia* de El-Rei, bombardá *Mina* do sr. Moser, yawl *Elsie*, do sr. H. Sauvinet, e cutter *Alice* do sr. A. M. Ribeiro.

Ganhou o primeiro premio, offerecido por El-Rei o *Mina*, por cerca de 2 minutos; ganhou o 2.º, offerecido por Moser, o *Lia*; ganhou o 3.º, offerecido pela Sociedade de Geographia, o *Elsie*.

Estes barcos fizeram uma bella corrida, tendo a largada produzido lindissimo effeito.

A 2.ª corrida não se realisou.

Na 3.ª entraram as canoas *Furia* do sr. J. C. Pereira, *Saphira* do sr. J. J. Costa, *Guerrita* do sr. M. F. Camara, *Maria II* do sr. José de Castro, *Borjás* do sr. Augusto Lacerda, *Maria I* do sr. M. Rato, *Morgada* do sr. D. Manuel de Menezes, *Bilatra* do sr. An onio Caldeira e *Narceja* do sr. João Pindella.

Cobriu as cinco milhas primeiro a canoa *Saphira*, alcançando o premio que era um objecto d'arte offerecido pelo *Real Club Naval*.

Entrou em 2.º logar a canoa *Guerrita* que trazia a bordo o distincto sportsman sr. Leopoldo de Oliveira.

Na 4.ª corrida entraram os dois cutters: *Maria Luiza* do sr. Th. Mascarenhas de Menezes e *Othello* do sr. Eduardo Romero.

O premio, que consistia n'um objecto de arte offerecido pelo *Real Club*, foi ganho pelo *Maria Luiza*, apesar do *Othello* ter feito uma boa estrea.

Além d'estas houve mais um desafio particular entre as canoas *Tony* e *Feliz Destino*, o qual foi ganho por esta.

Das corridas de remos apresentamos o seguinte resultado:

1.ª corrida — Guigas de 4 remos; 1.ª classe — premio, medalha de prata. Correram: *Rigi*, tripulantes: A. Guimens, Del Negro, A. Santos e J. Guimens; Timoneiro, A. Moniz; *Liz*, tripulantes, Ramellot, E. Mouton, H. Amado e J. Levy. Timoneiro G. Vaston. — Ganhou a *Liz*.

Não se realisou a 2.ª corrida.

3.ª corrida — Guigas de 2 remos — Premio, medalha de prata.

Concorreram: *A.*, de J. Azevedo e *Aida* timoneiro A. Moniz. Tripulantes da 1.ª A. Guimens e A. Santos e da 2.ª Ramellot e P. Del Negro. Ganhou a *Aida*.

4.ª corrida — Guigas de 4 remos de 3.ª classe. — Premio medalha de prata.

Correram: *Douro*, tripulada pelos srs. Vasques, timoneiro, e J. Levy, F. Ramellot, A. Franco, e H. Amado. — *Tejo*, tripulada pelos srs. A. Moniz, timoneiro, e A. Guimens, A. Santos, P. Del Negro e E. Mouton.

Ganhou a *Douro*.

5.ª corrida — Guigas de 4 remos — 3.ª classe — Premio, medalha de cobre.

Correram: a *Douro*, tripulada pelos srs. J. Pereira, timoneiro e R. Carinhas, C. Lassen, C. Bastos e H. Amado; *Tejo*, tripulada pelos srs. O. Seixas, timoneiro e Lucena, Aquino, A. Moniz e E. Sousa. Ganhou a *Douro*.

6.ª corrida — Correram: a *Douro*, tripulada pelos srs. J. Metrass, timoneiro, e J. Tojeiro, J. Carvalho, E. Mouton e O. Franco; *Tejo*, tripulada pelos srs. J. Guimens, timoneiro, e E. Romero, A. Guimens, P. Del Negro e J. Azevedo. Ganhou a *Douro*.

Houve corridas bem disputadas e que despertaram vivo interesse.

A regata terminou pouco depois das 4 horas, largando para Lisboa ás 5 horas o vapor *Victoria*, que chegou á pon e ás 6 horas e 10 minutos reconduzindo os convidados os quaes a bordo foram gentilmente obsequiados pela commissão organisadora a quem muito agradecemos o bilhete que nos offereceu.

São do nosso collaborador artistico, sr. José Pardal os desenhos tirados do natural que illustram a nossa quarta pagina.

DUAS VEZES SOMOS CRIANÇAS

Artista, alma superior aberta a todos os ideaes sublimes, ou, simples espirito dotado de observação, vós, leitor encontrareis no presente quadro uma verdadeira synthese da vida humana.

D'essa vida tão inconstante, tão impulsionada ora pelas paixões ora pelas necessidades. Uma vez são os prejuizos do coração que nos elevam outras a satisfação physiologica que nos deprime.

Mas em tudo ha um ponto commum, ponto de fuga ou de contacto que distancia ou approxima mas que sempre marca, que sempre deixa um signal.

Plano immenso, reduzido aos limites phisicos do coração humano, n'elle ha um ponto principal — o amor, e esse ponto ora é de distancia ora é de fuga.

E' de distancia quando a elle não chega a perspectiva das nossas illusões, é de contacto quando ellas se embatem, é de fuga quando ellas desaparecem. Assim, somos amantes extremes, impressionaveis ao menor olhar, ardentes ao menor contacto, resignados ao desapparecimento.

«Duas vezes somos creanças» é uma synthese da nossa vida. Não que o coração humano é como a lampada escassa de azeite, ao extinguir-se ainda lança um novo clarão tão vivido quanto fugitivo mas que sempre illumina.

O coração não é de pedra nem de cêra, é brando e é duro mas sempre humano. Se teve illusões, algumas podem ter ficado, como n'uma boceta ficam sempre infimos atomos do perfume que guardou.

E as recordações doces e queridas tem tão magico poder em nosso coração que elle embora petrificado se dissolve deliciosamente.

Será incompativel a idade do coração com a intensidade dos affectos? E problema que os psychologos e analysadores do coração do homem ainda tem que solver.

Não neguemos pois que não havendo juventude não possam haver affectividades.

Verifiquemos simplesmente que no nosso quadro W. Bartonek, como auctor de uma escola analysadora representa os dois extremos o vigor dos corações onde já foge e fallece a vida na sua plenitude.

Gracioso quadro, levemente ironico, traduzindo problema complexo, indicando duvida nos sentimentos, mas verdadeiro e observador sincero na sua ideia.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

X

AS TROPAS HESPAÑOLAS

O exercito hespanhol, anteriormente á epoca em que a Revolução veio a rebentar, supposto nunca tivesse atingido o estado deploravel em que se achavam então as tropas portuguezas, apresentava, todavia, desde longo tempo, visiveis signaes de decadencia.

As forças reunidas em 1788, para a expedição á costa da Barbaria, e entregues ao commando do general Conde de O'Reilly, mantinham-se, até certo ponto, ainda em bom pé de guerra; e comtudo, nos ultimos vinte annos, o seu estado piorara sensivelmente. A Hespanha, em vez de se conservar, quanto a melhoramentos na arte militar, á altura das outras nações europeias, retrogradara dia a dia. Abaladas em seus alicerces as velhas instituições, dois annos atraz, os officiaes por ellas educados mostravam-se de todo em todo incapazes de reorganisar o exercito.

Os homens eram, não ha duvida, do mesmo sangue d'aquelles, cujas façanhas, em outras eras, ergueram o nome hespanhol nas azas da fama, e que, portanto tempo, e tão bem, souberam manter-lhe indisputada celebridade; á frente d'elles, porém, promptos a ensinar-lhes o caminho da victoria, já se não viam, nem esses briosos *hidalgos*, nem os impavidos cavalleiros dos aureos tempos. O comportamento dos officiaes, comquanto estes descendessem da mesma estirpe elevada, manifestava claramente, em principios do seculo desanove, o estado de aviltamento a que se achavam reduzidos, tanto a córte como o governo.

Em julho de 1809, existia, pois, apenas o rebulho de um exercito organizado; circumstancia que unicamente se traduzia em conservar os regimentos as designações antigas e desde longa data adoptadas.

Incorporara-se n'este exercito uma fracção da guarda de corpo, resto unico do apparatus bellico dos Bourbons desthronados, quer de França, quer da Hespanha.

Instituida por Filipe 5.º, ao tomar posse do throno hespanhol, em principios do seculo anterior, era inteiramente composta de officiaes. Os do regimento de *Cuesta* usavam ainda cartuxeiros de marroquim verde, com guarnições de prata. Era,

sem duvida, aguerrido o aspecto de alguns corpos de cavalaria, e muito em especial o do *Regimiento del Rey*, o primeiro de dragões, o qual era commandado por um parente de *Cuesta* e não deslustraria, de certo, qualquer bom exercito.

Os carabineiros, que formavam parte da guarda real, e cuja reputação militar se avantajava á da restante cavalaria, tinham boa gente, bem montada, e em bom pé de guerra.

Causou notavel estranheza aos officiaes inglezes uma brigada de dois regimentos, um d'elles o de Sagunto, fardados de amarello vivo, ainda com chapéus ás tres pancadas, e que, não obstante o traje antiquado, apresentavam optimo aspecto.

A cavalaria ligeira incluía hussares e caçadores, fardados de todas as côres do arco iris. Quiz-nos parecer que bem pouco tino e menos attenção foram dispendidos em manter nas devidas proporções a estatura do soldado e a marca do cavallo, assim na cavalaria pesada, que na ligeira; posto que, diga-se a verdade, haja pouco por onde escolher entre os cavalos hespanhols — quasi todos abaixo da craveira, e muito menos adequados, sem duvida, a soffrer o embate das cargas de cavalaria, que ás correrias irregulares de ginetes, ao modo oriental.

Era engenhosa a maneira porque os soldados transformavam as fardetas e coletes de mangas em jaquetas de quartel: usavam mangas soltas, que atacavam ás hombreiras por meio de cordões de cor diversa do uniforme, expediente que á manifesta utilidade reunia a vantagem de parecer bem.

O seu methodo de equitação foi para nos outros, inglezes, verdadeira novidade. Era tal o comprimento dos póros que o cavaleiro apenas se estribava na ponta do dedo grande do pé. Não nos pareceu menos desusada a posição da clavina, pendurada no selim, ao lado da mala. Nem todos usavam botas, e muitos supriam-lhe a falta com uma especie de polaina ou borzegui, feito de sola, abotoado, muito justo á perna, e que encobria parte do sapato. Não raros, porém, montavam descalços de pé e perna, e apenas com a sandália ou *alpargata*, que deixava o livre o dedo grande, unico ponto de apoio em que se equilibravam. De todos os corpos de infantaria, a Guarda Wallonna, quasi totalmente composta de forasteiros, e a brigada irlandeza eram os que melhor ordem apresentavam. A cor dos uniformes dos dois batalhões que constituíam a primeira, era azul ferrete, com vivos e galões brancos. Os segundos usavam fardas brancas. Estes ultimos eram o pouco que restava dos regimentos catholicos irlandezes, e abrangiam os regimentos de Irlanda, de Ultonia e de Hibernia.

N'aquella epoca, já não havia, nas fileiras, soldados oriundos da Irlanda; apenas restavam alguns officiaes. A farda branca do tempo dos Bourbons desaparecera de todo; e, não somente por economia, como ainda por outros motivos, a cor adoptada para qua-i toda a infantaria era castanho escuro, da cor do chocolate.

Batalhões havia, porém, que, tirante o armamento inglez; mais pareciam levas de campones; e comquanto o maior numero tivesse barretinas, contentavam-se com alpargatas em vez de sapatos. Por unico correame, usavam cintos de que pendiam canudos de lata para os cartuxos. Poucos possuíam capotes, que em geral substituíam por mantas ou cobrejões, com um buraco ao meio, para enfiar a cabeça, e que pendiam á solta, na frente e por detraz.

A artilheria era boa, porque, antes da guerra rebentar, tinha esta arma sido objecto de especial attenção. O trem respectivo era comtudo tão singular quanto improprio de qualquer exercito regular tanto as peças como as munições eram puxadas por muares, não em parilhas, mas sim em récuas, á laia das carretas de carga do paiz, sem redeas, nem guias, e obedecendo ao mando unico da voz do conductor, que acompanhava o gado, a pé, seguindo pela valeta da estrada. Os canhões eram assaz pesados, e, entre as baterias de campanha, abundavam os de calibre 12.

O material de mantimentos, municiamento e bagagem era absolutamente inadequado ao effectivo do exercito e assaz mal adaptado ás condições naturaes do paiz.

Em vez de mulas de carga, na devida proporção, destilava na trella do exercito um nunca acabar de carretas de duas rodas, e com toldo, que pouca carga comportavam, puxadas de por uma enfiada de muares, disposição esta que desmedidamente alongava as linhas de marcha.

O total das forças effectivas fóra avaliado, aproximadamente, em 7.000 homens de cavallos e 3.000 infantes.

Não era, porém, o aspecto pouco aguerrido nem mesmo o ar andrajoso dos nossos alliados, o

REGATA DO REAL CLUB NAVAL



«ALICE»
DO SR. A. M. RIBEIRO

«ELSIE»
DO SR. H. SAUVINET

«MINA»
DO SR. H. F. MOSER

«LIA»
DE EL-REI D. CARLOS

que mais nos desconsolava. Tudo lhes relevaria-mos de bom grado, se acaso tivessem logrado inspirar nos alguma confiança. Os soldados, diga-se a verdade, eram homens ás direitas, bastava porém pôr os olhos em qualquer official, para desde logo se conhecer que seria de todo o ponto incapaz de os levar a campo. Nem tinham aspecto marcial, nem sequer maneiras de gente limpa; e era coisa difficil, em presença da sordida apparencia e ar ordinario — e muito em especial na infantaria — adivinhar a qual das classes sociaes os teriam ido desencantar. E onde haverá soldados que cumpram com o seu dever, quando aquelles que os commandam nem lhes ministram o devido exemplo, nem sequer se dão ao respeito. E eis ahí está o motivo porque, partindo d'este principio, desde que a elles nos reunimos em Oropesa, viemos logo futurando tão mau resultado, com relação ás tropas hespanholas. Porém ainda por cima da geral insufficiencia, tanto o espirito marcial, como a força moral das tropas antolhavam-se-nos, agora, bem diversos do que esperavamos.

Effectuara-se, no decurso dos ultimos dois annos, consideravel mudança nos sentimentos da nação. Os brios e a explosão de bellico enthusiasmo foram obra de momento; alimentados apenas pelos acasos da victoria, cahiram logo aos primeiros revezes da sorte. O exercito, em vez de patentear dedicação pela causa nacio-

nal, ou sequer ao menos animo viril, antes pelo contrario, mais de uma vez deu provas, já individuaes, já collectivas, da mais ignominiosa cobardial

A incapacidade dos officiaes era extensiva ao estado maior; e a todo o momento deploravamos que a Revolução não tivesse abalado mais profundamente o paiz, e trazido á superficie camadas novas, talentos juvenis e vigorosos, provenientes de todas as classes sociaes. A prova de quanto era justa esta nossa opinião viu-se na inaptidão para o commando, que quasi toda a offi-

cialidade das tropas regulares veiu successivamente revelando.

Em boa verdade, se exceptuarmos alguns officiaes que, com a pratica, nas guerrilhas se foram amestrando, gente, aliás, quasi toda, que para pegar em armas, largara a enxada ou a rabiça do arado, bem difficil seria apontar, durante todo o tempo que jurou a campanha, um unico official cuja opinião, já na respectiva especialidade, ou ainda nos casos mais triviaes da vida militar valesse a pena consultar.



CORRIDA DAS GUIGAS «LIZ» E «RIGI»

Desenhos do sr. José Pardal

A's Côrtes, que, em nome de Fernando VII assumiram as reideas do governo, e continuaram a adoptar o antigo systema, devemos, em grande parte, attribuir o insuccesso dos hespanhoes. Aos brilhantes generaes da nova França, homens todos elles sahidos das fileiras, ricos em mocidade e energia popular, e tendo ao seu dispôr os mais recentes aperçoamentos da arte de combater, apenas podiam oppôr generaes caducos e ronceiros, eivados de toda a casta de preconceitos, commandando exercitos organisados segundo velhas usanças rotineiras, e aos quaes um governo decrepito e retrogrado tolheria aliás, qualquer tentativa de innovação ou ainda o minimo melhora-mento.

Contribuiam a aggravar taes circumstancias, o cego orgulho e a vaidade jactanciosa, mediante os quaes se julgavam ainda á altura de seus avoen-

to militar, durante periodo que tão brilhante veiu a serpara seus aliados, assim portuguezes como inglezes, apenas nasceu o desprezo de ambos.

(Continúa)

Spectator.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 603)

XIX

MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS EM POSSE DE PARTICULARES

A ninguem seria possivel dar uma relação completa das muitas preciosidadês que, n'este genero,

n.º 584 nos referimos a esse livro. Eis uma rapida descripção d'elle:

Livro de Horas, em latim, formato oitavo em finissimo pergaminho, obra dos principios do seculo xvi e talvez portugueza. As illuminuras, especialmente as do calendario representam diversas scenas da vida rural e n'essas copias do natural reconhece-se que os objectos representados são evidentemente portuguezes.

A primeira pagina do gracioso manuscrito, tem um disco de ouro illuminado no qual se vê o Creador governando um carro de guerra tirado a dois cavallos. Inferiormente lê se a seguinte instrucção, escripta em portuguez:

«Saberes que em este anno de 1517 anda o are numero ã xvii começando na primeira casa depois da cruz & dahi anda cada anno em hua casa ate que chega a xix. & tornares outra vez a



DUAS VEZES SOMOS CRIANÇAS — QUADRO DE V. BARTONEK

gos; d'esses heroes cuja fama a tradição e a historia perpetuaram, e que tanto se esforçaram em engrandecer o nome da nação que lhes foi berço.

Nem as mais flagrantes provas da propria inferioridade conseguam desvendar lhes os olhos. Sem a minima prudencia ou reflexão, apoz um erro grave, ou um desaire, cahiam logo em outro maior. Foram, para elles, sempre baldados, conselhos da experiencia, e suppunham descer da baloia dignidade consultando, ou acceitando alvitres dos unicos que, com seu ensino, eram capazes de os erguer á altura do que outr'ora tinham sido.

Se acaso houvessem consentido em pôr á nossa disposição os seus exercitos, e confiado o commando á actividade e intelligencia de officiaes britannicos, as suas tropas regulares teriam compartilhado a fama e a gloria que combateram aos seus guerrilheiros e aos briosos portuguezes, na defeza da Peninsula; emquanto que, pelo contrario, se exceptuarmos a guerra de ciladas, e a defeza das cidades e praças, o seu comportamen-

guardam religiosamente muitas familias nobres ou ricas. Todos os velhos fidalgos tem os seus pergaminhos illuminados. A sua carta de brazão passada pelo respectivo rei d'armas é documento de apreço inestimavel, que só verdadeiros eleitos podem contemplar. Sem largos conhecimentos entre os possuidores de manuscritos illuminados não é facil obter permissão para os admirarmos e estudar. D'ahi a grande deficiencia que apresenta este capitulo que deveria ser talvez um dos mais importantes.

* * *

Na exposição de arte sacra-ornamental, realisada em junho d'este anno, appareceu nos, na sala de El-rei, um lindissimo manuscrito de que só tinhamos mera noticia. A razão de o não termos citado quando fallamos da bibliotheca da Ajuda é o guardar se o precioso codice no thesouro particular de Sua Magestade. Todavia, já em nota do

contar 1. II. III té chegar a XIX. e nam tem mais cõ conta».

Ha, ainda, outras indicações curiosas.

Das suas cincoenta e oito paginas illuminadas devem mencionar-se em especial o quadro da *Deus in adjutorium meum intende* que representa a adoração dos reis magos. As tarjas d'esta pagina são decoradas com diversas moedas de ouro e prata: duas com as armas de Leão de Castella e duas portuguezes de D. João III, moeda esta que nos deixa estabelecer a chronologia da factura do livro, pois, que indica o anno de 1538 em que foram cunhadas.

No principio das *Horas*, em moldura o Evangelho de S. João uma vista cheia de minucias, dos antigos paços da Ribeira e da Ribeira das náos.

A mais formosa de todas as estampas é decerto a da pagina *Incipit officium sanctae crucis* mostra o calvario e a triste scena rescende um profundo sentimento de dôr. Emquadra inferior e lateralmente esta suave composição uma tarja em an-

gulo recto, que por si tem pequeninos quadri-nhos representando os passos da Paixão. Em todas e especialmente n'estas illuminuras se revela o talento e habilidade do artista.

Na pagina *ad missam Sanctæ Mariæ* a arvore de Jessé apresenta-nos a genealogia da Virgem.

A pagina *Incipit officium mortuorum* — *Ad vesperas*, mostra o enterro de D. Manoel, é admiravel. Vê se o interior de uma igreja gothica, com armação funebre, da abobada estão suspensos os grandes galhardetes negros com as armas reaes portuguezas. Ao centro está a eça, a qual rodeiam uns monges com cirios accesos. Em volta d'esta illuminura central desfila o prestido furebre, apregoando o auto da morte; e a respectiva cerimonia da quebra dos escudos. O esquife acompanhado por religiosos e cavalleiros cobertos de luto levando ao peito as cruzes de Christo e de Malta.

A rua por onde passa o cortejo, é bem alinhada, mostra enorme perspectiva e revela cuidadosa minucia. A scena representa de noite, de um luar triste que deixa vêr ao longe o Tejo.

Além d'estas illuminuras ha muitas outras illustrando as orações respectivas. Ahi tem varios santos a sua imagem e os santos portuguezes estão bem representados.

Todas as letras iniciais e capitais são lindamente ornadas com aquelles elementos decorativos tão queridos dos illuminadores: os insectos, as aves e as florinhas.

Manifestamente este codice foi obra de portuguez ou portuguezes, artista eximio que produziu um dos mais formosos livros de Horas que se conhece.

Ramalho Ortigão descrevendo deliciosamente este manuscrito, no respectivo catalogo, diz que embora não fosse portuguez nenhum dos artistas que collaborou na factura d'esse livro, o que é fora de toda a duvida é o espirito genuinamente portuguez que o anima. Apesar da influencia italiana que se pode entrever do seu desenho e vigoroso colorido não nos repugna crêr que este manuscrito seja obra portugueza.

Disse-nos o sr. Conde de Ficalho possuir, entre outros manuscritos, dois de notavel valor artistico; são elles:

Historia das antiguidades judaicas de Flavio Josepho, escripto em francez, em pergaminho infolio. Comprehede 27 livros, sendo a columna em que começa cada um, guarnecida por grande e bella tarja a côres e ouro representando ramagens, flores e aves, etc.

Por cima do titulo de cada capitulo uma estampa representa algum dos seus assumptos, geralmente uma batalha. Muitas letras capitais e iniciais são tambem illuminadas.

Todas as grandes illuminuras que precedem os capitulos são muito finas e bem coloridas. A architectura das cidades, edificios, e fortalezas do estylo ogival e os costumes da mesma epoca.

A estampa do capitulo xxvi representa a cidade de Jerusalem cercada pelos soldados de Tito, vestidos e armados como os do seculo xv.

Um d'elles dispara contra a cidade uma bombardada cercada de aneis de ferro, como eram as primeiras que se empregaram nos seculos xiv e xv nos campos de batalha.

Horas, com riquissimas illuminuras e tarjas, trabalho do seculo xv; letra caracteristica da epoca.

Brazam de Armas de Joaquim Vieira de Abreu e Paiva. Pergaminho em quarto.

Carta de brazão concedida por D. João vi, em 28 de Setembro de 1813, na côrte do Rio de Janeiro.

Tem 2 estampas, a primeira com dois tropheus — o 1.º com estandartes e bandeiras franjadas de ouro e no centro o escudo do Abreu encimado com o elmo fechado e tres plumas duas vermelhas e outra azul. Na parte inferior outro tropheu é composto de um tambor, uma peça d'artilharia, um escudo e um capacete e seis estandartes, tres a cada lado, de azul e vermelho alternados.

Estas miniaturas são obra de J. C. Quilobel feitas no mesmo anno de 1813. A segunda estampa representa o brazão (!) o qual é esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Abreus, no segundo a dos Vieyras, no terceiro as dos Paivas e no quarto as dos Pedrosas, encimado por um elmo fechado e por timbre o dos Abreus e por differença uma brica de prata com um passaro azul.

Na parte inferior da estampa dois atabales sobre elles uma corôa senhorial e dos lados quatro estandartes azues e vermelhos.

As illuminações são razoaveis e a letra é boa.

Trabalho do principio do actual seculo, como é pouca curiosidade se lhe pode dispensar artisticamente.

Actualmente pertence este manuscrito ao Ex.^{mo} Sr. Ayres de Sá Nogueira Braga e Vasconcellos, descendente dos senhores da Torre do Fato, a quem foram concedidas as citadas armas.

Psalteriu Davidis, em 8.º francês, encadernado em vermelho, dourado por folhas.

E' o primeiro tomo da colleção. O pergaminho é fino e os caracteres são perfeitamente nitidos e accentuadamente caracteristicos da escripta francesa do seculo xiv.

As tarjas são graciosas: fundo de ouro com passarinhos. Tem duas estampas de bom desenho mas de grosseiro colorido.

Pertence ao Ex.^{mo} Sr. José Thomaz Coelho, de Lisboa.

No archivo da camara de Almada guarda-se no maço 68 o respectivo.

Foral da Villa de Almada, manuscrito em pergaminho com dezasete folios, dado por D. Manuel, em 1513, e n'elle se refere ao de D. Sancho I.

A primeira folha do foral é illuminada grosseiramente com as armas reaes portuguezas ladeadas pelas esferas armillares na parte superior da pagina.

Inferiormente, umas tarjas grosseiras, em rectangulo, encaixilham as primeiras palavras do foral. Em cada *item* tem a letra capital bem illuminada.

A encadernação é de couro, com fechos de bronze, tendo ao centro da capa o escudo das armas portuguezas em relevo, e nos angulos quatro esferas armillares tudo de bronze.

Chegando ao fim da primeira parte d'este arrolamento, temos que confessar que, corremos muitas bibliothecas nas quaes nos pareceu deverem existir manuscritos illuminados e que todavia nada possuíam. Assim:

Archivo do patriarchado, Sociedade de Geographia. Bibliotheca da Academia de Bellas-Artes, Museu d'arte ornamental. Archivo da Casa de Bragança, etc. etc.

Sabemos porém que possuem manuscritos illuminados mas que não pudemos vêr: Visconde da Esperança, Evora; Conde de S. Marçal; Brito Aranha; Duque de Palmella; Conde da Folgoza; Camara Municipal de Evora; Visconde de Villa Franca; Fernando Palha; antiga casa de Lafões; Sé de Lisboa, de que vimos de relance 5 bellos livros de pontifical, na Exposição de arte sacra, etc., etc.

(Continúa)

Esteves Pereira.

SATISFAÇÃO ²

Inda bem, ó artista; do talento
O desejado premio emfim ganhaste.
No certamen do humano entendimento
Com a tua victoria nos honraste.

O desamor, a prepotencia, o enredo
Puderam mais na patria que a justiça;
Porém tu, despresado, mas sem medo,
Entrar quizeste na gigante liça.

Assim faz quem no merito se esteia,
O que tem no seu fado confiança:
Ouve apenas a intriga que o rodeia
E trabalha co' os olhos na esperança.

Festejam-o os applausos lisonjeiros?
Redobra de animo e na marcha segue;
Acolhe o a indiferença? Annos inteiros
Lucta, aguardando que o momento chegue.

¹ Em casa d'este fidalgo deverá existir, como descendentes que é de D. Alvaro da Costa, um *livro d'horas* que o papa Leão X offereceu a D. Manoel em retribuição dos seus assombrosos presentes, o qual el-rei offereceu mais tarde a D. Alvaro da Costa, seu armeiro-mór, ordenando-lhe que o vinculasse.

Demuestra bem, essa regia d'adiva, o apreço que se dava a um manuscrito illuminado.

² Para melhor intelligencia d'esta poesia cumpre dizer o seguinte: Foi feita por occasião de ser premiado o sr. Frederico Augusto de Campos na exposição de Paris de 1867, onde mais uma vez honrou as bellas-artes nacionaes emquanto que o governo portuguez, com desaire d'ellas, do artista da nação, nomeava para o seu logar, como gravador na Casa da Moeda, não sem protesto do publico, um estrangeiro chamado Wiener, que felizmente pouco se demorou entre nós. A minha poesia é apenas um echo d'esse justissimo protesto, ou, antes, um desabafo da minha indignação. Até agora inedita, publica-se n'este numero d'O Occidente como tributo á memoria do illustre artista.

O momento que raia muitas vezes
Só quando na peleja emfim succumbe,
Muito embora depois com seus revezes
Seu engenho nos seculos retumbe.

Mas tu, vivo, já tens a recompensa;
A capital da França é que te aclama,
E o devido triumpho te dispensa,
Fazendo apregoar te ao longe a fama.

Venceste; a nossa terra jubilosa
Para te unir ao peito estende os braços;
Venceste; e a senda rude e fadigosa
Se abre plana diante de teus passos.

Porém não te deslumbram as victorias,
E perdôas á patria arrependida:
Bem sabias o que eras: tuas glorias
Reflectes n'ella que te ha dado a vida;

Mas o dextro buril não pões de parte,
Nem descanças ao menos um momento:
Vives para a familia e para a arte,
E no louvor tens novo incitamento.

Ramos-Coelho.

SÉ DE LISBOA

(Continuado do numero anterior)

Que serie de preciosas revelações! que serie incrível de acasos! William Beckford, o antigo dono de Monserrate, o sympathico elegante immortalizado pelo nosso Rebello da Silva! a quinta de Sancto Antonio de Monserrate! e ali, trazido pelo fortuito chamamento de um reclamo do *Times*, o actual possuidor da mesma vivenda historica! Sempre ha coisas!.

Creio que, apesar do seu sangue britanno, teria o sr. visconde o maior custo em dominar o entusiasmo; e julgo sentir um certo tremor de commoção na voz com que o estou ouvindo perguntar, com apparente singeleza:

— Quanto custa?

O certo é que poucos segundos depois tirou da carteira um cheque de cem libras, entregou-o ao homem do bazar, e mandando a estatueta para o coupé correu com ella alguns dias depois direito a Monserrate.

O bom filho á casa torna; é bem verdadeiro o annexim.

Hoje, restituida á quinta de Sancto Antonio a velha imagem, que é pena não possa contar a sua chronica, e dizer os baldões que passou até ao seu desencantamento, é, pela valia estimativa, um dos objectos mais curiosos d'aquelles salões.

Bem se diz que é Sancto Antonio advogado das coisas perdidas. Melhor advogado que elle proprio para a sua causa, não o podia achar!

Por agora basta do Sancto. Têmos muito que fallar d'elle a proposito da sua casa, que é proxima; fica para depois, se os leitores entenderem que devem continuar a escutar attentos estes meus sermões. Creio que não estou, como o bom do missionario, *pregando aos peixinhos*; que elle não pregava sómente *aos peixinhos*; a sua palavra escutavam n'a as turbas. Hajam vista os celeberrimos frescos de Goya na capella de Sancto Antonio de la Florida construida em 1792 na entrada da Moncloa, nas verdes

praderas del Manzanares,

junto a Madrid. O leitor recorda-se de certo de ter ouvido á flauta pastoril do grande Antonio de Trueba suspirar estas arietas:

Entre flores y ramas
tienes tu ermita,
glorioso San Antonio
de la Florida;
ramas y flores
te dan, Santo bendito
tu dulce nombre!

Bien haya el arquitecto
que edificara
tu templo entre las flores
y entre las ramas!
hermoso emblema
del patron de los niños
y las doncellas!

¹ Encontra-se esta anecdotica no jornal *O Atlantico* de 6 fevereiro de 1884. Fundo-me n'essa informação.

Pois é ali mesmo; e n'essa pequenina capella dedicada ao nosso patricio, ao padroeiro dos meninos e das donzellas, pintou o immortal Goya o franciscano prégando a uma turba immensa de gente, como Francisco Vieira Lusitano o pintára em S. Roque prégando a um cardume de saveis, pescadinhas, robalos e carapaus.

Continuemos agora de pausa, meditadamente, a nossa vista piedosa e artistica á velha cathedral de Lisboa.

Eis-nos (junto á pia baptismal) em frente do quadro enorme que representa S. Christovam, na parede ao lado esquerdo de quem entra o portão principal. O auctor é Antonio Machado Sapeiro, pintor dos seculos XVII e XVIII¹.

Temos uma composição vasta, muito repintada, e pessimamente collocada; bem podia passar sem menção. O S. Christovam mal se vê; figura grotesca desenhada de cór, acurva-se toda, e vê-se condemnada a nunca se pôr em pé, com medo de arrombar a moldura. Pouco vale. O meu julgamento ainda vale menos; mas Volkmar Machado, que de pintura entendia alguma coisa mais do que eu, chama sem rebuço a este quadro muito mau.

Eis-nos agora junto da capella chamada de Bartholomeu Joannes.

Preciosa coisa! bem merecia seria attenção da parte dos nossos governos. Se Bartholomeu Joannes dispozesse de seis votos, e tratasse de eleições, estava salvo.

Arruinada e mal tratada como está, é ainda hoje a capella de Bartholomeu Joannes uma joia. Quem a examina de fóra reconhece a logo, pois desdiz do resto dos paredões, com a sua affirmação ogival pronunciadissima.

Para a nave do templo tem a capella uma larga porta ogival muito boa. A' esquerda de quem entra, vê-se o tumulo do fundador. É uma grande arca de pedra com tres brazões na face de fóra, uns nos pés, outro á cabeceira; os da frente entre dois motivos repetidos de folhagens ornamentaes. Os escudos trazem uma banda entre seis flores de liz, tres a cada parte.

Sobre a tampa da arca descança a figura de Bartholomeu Joannes, em habitos longos, como os usavam as classes elevadas no seu tempo, e envolto n'uma capa admiravelmente panejada. A capa tem no hombro esquerdo uma borla; e ao arregaçar se deixa em baixo, junto aos pés da figura, apparecer uma bolsa pendente.

As mãos, quasi todas mutiladas, só conservam os dedos polegares. Sobre o corpo assenta a espada do defuncto; tem o punho quebrado; apenas se lhe percebe o botão extremo dos corpos.

A cabeça é nobre, e cheia de physionomia; cabello comprido para traz das orelhas; barba anelada. Lembra o que quer que seja do Nazareno. Assenta sobre duas almofadas.

Nos pés botas sem salto, e ponteagudas. As esporas ou puas, são de corcêa, mas estão desatadas, para deixar assentar o calcanhar.

Eis ali a fiel descripção d'esta notavel peça esculptural, precisa por tudo, até mesmo pela raridade do genero.

Em letras relevadas em volta da tampa lê-se este epitaphio:

Na face da cabeceira:

AQUI : IAZ BERTO

Na face lateral :

IAMEU : IOANES CIDADAAO Q FOI : D :
LIXBOA : A : Q : DS : PDOE : P...
SOU : XXX : DIAS : DE NOVE.....

Na face dos pés :

.... CCC : LXII : ANOS : †

Interpretação :

Aqui jaz Bartholomeu Joannes cidadão que foi de Lisboa a quem Deus perdôe; passou (ou falleceu) a 30 dias de novembro na era de Cesar de 1362 (anno 1324).

Na parede do lado da Epistola lê-se esta inscripção :

Interpretação :

Em nome de Deus amen Este é o regulamento da capella de Bartholomeu Joannes, convem a saber : que em a dita capella sempre cantem dezasseis capellães cada dia; doze d'elles. Missas de requiem por alma do fundador, e dois pelas almas d'el rei D. Diniz e da rainha D. Izabel, e um pelo infante e seus filhos legitimos; com o seguinte ajuste e condição : que sejam defensores de qualqurr violencia que algum intente commetter sobre a sua capella, e hospital, e bens d'ella; e designou o fundador a cada capellão cincoenta libras (48800 réis de hoje) e mais dois soldos a cada um todos os sabbados pela Missa resada que hão de dizer n'esses dias a Sancta Maria na dita capella, e mais Salve Rainha cantada. Os capellães hão de ser portuguezs bons e legitimos, se os acharem; se não, tomem outros: Não devem ser despedidos, senão no caso de fazerem alguma a ção que não devessem fazer. Contém se mais no dito regulamento que todos os dias depois das Missas cheguem os capellães á sepultura de Bartholomeu Joannes com agua benta, e rezem um miserere mei Deus Um dos quatro capellães que elle ordena que cantem por el rei, e pela rainha e seus filhos, cante cada dia, um em honra da Trindade, outro em honra de Sancta Maria, outro em honra de S. Diniz, patrono d'el rei, e o quarto enfim, em honra da Vera cruz, pedindo a Deus, verdadeira Trindade, que por intercessão da Virgem sua mãe, e do glorioso martyr S. Diniz, mantenha e guarde os sobre-ditos reis, rainha infante e seus filhos em seu serviço, e os guarde sempre e mantenha, e lhes faça sempre fazer justiça, e defenda e ampare a capella e o hospital, e tire a força a qualqurr pessoa que pretender exercer violencias sobre a dita capella e hospital, e os bens do instituidor. Convindo muito que esta capella seja visitada annualmente, tanto pelo que respecta aos capellães como a tudo mais, mandou, quiz, e ordenou o instituidor, que o deão do cabido de Lisboa visite a capella uma vez por anno; e se achar que os capellães não fazem boa vida, ou não cumprem com o seu officio como devem, os corrija, e emende como achar de justiça; e se achar em a segunda visitação que se não emendaram, então expul-se os, da capella, e os testamenteiros do fundador que provejam outros capellães, de accordo com o referido deão, se estiver na terra; e se não estiver, elles que decidam o negocio por si mesmos. Consignou o fundador por este trabalho ao deão meio marco de prata (58700 réis de hoje) annualmente; o qual meio marco, ou seis libras, receberá no dia em fizer a sua visitação; e se por ventura o deão não estiver em Lisboa, será substituido pelo chantre, que receberá a esportula.

O trabalho que me deu esta inscripção é incalculavel. Depois de tentar lê-la na pedra, desisti por causa da pouquissima luz da capella. Voltei outra vez, e tirei um calco; mas o papel era mau, eu estava pouco habil n'esse dia, o calco saiu-me deploravel! Lamentando-me eu ao meu amigo José Gomes Goes, teve ella a extrema bondade de se promptificar a acompanhar-me, com toda a paciencia, e munido de luz e phosphoros, etc. Lá fomos em 12 de junho d'este anno de 85; e quem espreitasse da porta via uma scena de nigromantes: No recinto escuro da capella dois homens: um trepando a uma escada de mão, com uma vela de stearina em punho, examinando a pedra e soltando phrases quasi mintelligiveis em portuguez do seculo XVI; o outro em baixo, attento, escrevendo as phrases que o primeiro lhe dictava. O escrevente era eu. Toda a honra da decifração do pedregulho pertence, pois, ao sr. Goes; eu fui apenas secretário.

Concluirei mencionando a existencia de oito preciosos quadros da escola portugueza (chamada de Grão Vasco) sobre o altar d'esta mesma capella. Representam o martyrio de S. Bartholomeu, e sete outros assumptos do Novo Testamento¹.

No lado symmetricamente ao quadro de Sapeiro, contempla-se, como agradável compensação, uma tela de alto merecimento: o *Salvator mundi* de Pedro Alexandrino; formosa pagina, que pelos annos de 1778, quando se pintava, produziu a maior sensação no mundo artistico. Tudo mais ficou de parte, diz com energica segurança o bom juiz Cyrillo².

Foi este novo quadro posto ali depois d'esse

¹ Communicação do erudito visconde de Balsemão ao conde de Raczynski, fundada no que se lia n'um manuscrito de Ribeira dos Santos na bibl. nac. Vide *Les arts en Portugal* pag. 155.
² *Memorias*, pag. 121.

anno para substituir outro muito antigo, que o tempo damnificara¹.

Pedro Alexandrino! um dos nomes primaciaes da arte portugueza; um dos talentos mais vivazes e fecundos da nossa terra. Poucos pintores produziram tanto, e tão bem, como elle. É passmoso o numero das suas obras nes egrejas, capellas, e galerias de Lisboa. Chega a parecer impossivel que uma só palheta gerasse tão crescido numero de trabalhadas invencões, algumas das queres, se não todas, vibrantes do estro e pericia. Atacava de frente as difficuldades, entregava-se á inspiração, improvisava brincando, e enfeixava entre sorrisos ramilhetes de boninas. Prima este auctor sobretudo pela graça corrente e espontanea com que sabe imaginar, agrupar, e colorir. O seu amaneirado é encantador, e essencialmente elegante. Resgata com taes predicados as imperfeições que se possam notar na sua exuberancia resoluta de pintar de pratica, segundo dizem os antigos.

Creio que se Pedro Alexandrino de Carvalho tivesse encontrado nos governos do seu tempo a intelligente e sagaz protecção, que só por si basta muita vez para rebentar caudaes do seio das rochas mais duras, se o seu ingenho indomito e fegoso tivesse conhecido meditação aturada, e se, mandado correr os museus da Europa, se tivesse fecundado n'um ambiente mais propicio do que era Portugal para empezas artisticas, haveria subido a alturas incomensuraveis, e seria hoje braço europeu. E ainda assim... é um gigante Conhece-se n'elle um filho de Raphael d'Urbino, um peninsular entusiasta, um compositor de primeira ordem. Por desgraça d'elle, e vergonha da sua terra, foi um empreiteiro, um *faiseur*, mas a trasbordar de genio.

En toda a parte, repito, se encontram as suas obras, desde os oratorios particulares até ás cathedraes. Prompto sempre, sempre facil, espontaneo sempre, sempre na brecha.

Bastaria só por si este quadro que admiramos para lhe segurar a reputação. Tambem, vê-se que lhe queria muito; assignou-o (o que nem sempre costumava)-

Julio de Castilho.

(Continúa).

NECROLOGIA

FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS

Frederico Augusto de Campos, um dos nossos gravadores mais notaveis, na sua especialidade de gravador dos cunhos para as moedas portuguezas, era um artista distincto e tão conceituado que em innumeradas exposições todos os seus trabalhos, isto é, as moedas portuguezas do reinado de D. Luiz I e algumas do reinado de D. Pedro V mereceram altas recompensas.

Com as gravuras de uma d'estas ultimas moedas, a de 10.000 réis deu se um caso verdadeiramente singular e que mostrou bem o valor artistico do extinto gravador.

Faltando essa moeda de 10.000 réis na collecção das de D. Pedro V que se havia acondicionado na Casa da Moeda para enviar á exposição universal de Londres em 1857, aconteceu que Fradesso da Silveira, esse incansavel trabalhador, altamente empenhado no bom nome portuguez não só n'aquella como em todas as exposições, querendo enviar a collecção legal das sobreditas moedas, foi pedir ao director dois exemplares d'ella ao que se lhe deu a resposta de que não se lhe podiam apresentar, por se não haver cunhado tal moeda.

Não accetando Fradesso da Silveira aquella resposta como cathogorica, e tendo sido companheiro de estudos de A. Campos, dirigiu-se logo a este pedindo-lhe esclarecimentos.

E occasião de dizer aqui, aos nossos leitores, que o merito d'este artista foi sempre muito abocunhado; chegando-se a ponto de se mandar vir de fóra um gravador chamado Wiener, inculcado como muito superior a F. A. de Campos, e escandalosamente protegido. Invidaram se todos os esforços para depreciar o artista portuguez em proveito do extranho. Mas o tempo e as obras se encarregaram de mostrar a verdade.

Em concursos officiaes F. A. Campos sempre se salientou pelo seu talento, merecendo menção o que se abriu entre nacionaes e estrangeiros para a gravura da moeda de 500 réis do reinado de D. Luiz I.

¹ Quesitos e respostas acerca da se de Lisboa, no codice mss. da bibl. nac. de Lisboa, intitulado *Memoria para a historia ecclesiastica de Portugal*, A-4-5, ff. 39.

¹ Cyrillo V. Machado, *Memorias*, pag. 86.



FREDERICO AUGUSTO DE CAMPOS

FALLECIDO EM 10 DE JULHO DE 1895

Todavia, mil intrigas de invejosos fizeram sempre com que o notavel artista nunca fosse animado.

Era assim, descrente e justamente despeitado que Fradesso da Silveira devia encontrar F. A. Campos. Dirigindo-se ao illustrador, Fradesso da Silveira, teve por resposta a apresentação dos cunhos da grande moeda e a offerta de uma prova antidissimada de cada um d'elles, em fino gesso.

F. A. Campos havia gravado o punção de retrato e as duas matrizes ou cunhos originaes do retrato e das armas, as quaes Campos guardava por não lhe terem sido adquiridas pela Casa da Moeda.

Fradesso da Silveira ao vêr aquelle magnifico trabalho e inteirado do que se passava, não se pôde ter que dissesse maravilhado:

— Deixa estar que não hão de zombar comigo nem contigo, vou já pôr-lhe as uvas em piza.

Momentos depois partia satisfeitissimo a mostrar ao ministro das obras publicas as provas sobreditas.

O erudito e mimoso poeta sr. Ramos-Coelho inspirando-se no triumpho obtido por Campos contra Wiener no campo da arte, escreveu então a patriótica poesia que n'outro logar publicamos, que conservou inedita e até desconhecida do distincto gravador portuguez.

Logo se deram ordens terminantes, bastantes asperas, e a moeda de 10.000 réis, com a effigie do chorado rei D. Pedro V, foi cunhada; e apresentada successivamente em varias exposições rendeu ao seu auctor as innumerables e altas distincções a que adiante nos referimos.

Abrimos este parenthesis na pequena biographia que esboçamos para tambem fazermos a historia d'aquella moeda. Decerto que os numismatas n'lo agradecerão.

Bem ividenciado por este facto o valor artistico do distincto gravador, acrescentaremos simplesmente as seguintes notas biographicas:

Frederico Augusto de Campos era filho José Pedro de Campos, nascera em 1814, n'esta cidade de Lisboa aonde falleceu com 81 annos de idade, em 29 de julho de 1895.

Caracter modesto e honesto, bastante estudioso, pois que sendo já 3.º gravador na Moeda, frequentou por 1833 a Academia de Bellas-Artes, e desajando-se illustrar e instruir, matriculou-se em 1836 na Escola Polytechnica e alli frequentou com notavel aproveitamento mathematica, physica e chimica.

Gravador talentoso, trabalhou especialmente em moedas, fez em marmore o retrato de Camões em alto-relevo. A sua obra que sempre mais querida lhe foi, era uma medalhinha modelada em cêra com o retrato de el-rei D. Pedro V e tambem a do rei da Baviera, e que na verdade são duas obras primas.

Entre as muitas recompensas que recebeu pelos seus trabalhos, enviados pelo governo ás diversas exposições, como ás de Londres, Paris, Hespanha, Philadelphia, Brazil, a mais recente foi a medalha de ouro alcançada em Paris, em 1889.

Um anno antes apresentára na nossa exposição d'Avenida os mesmos trabalhos e o jury nem sequer deu por elles! Ninguem é propheta na sua terra, é bem verdade.

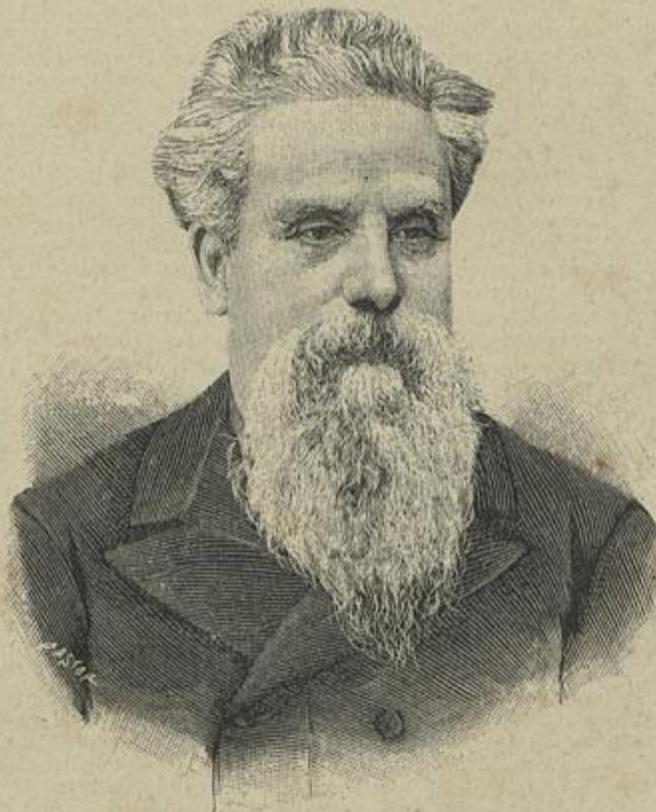
Desde 1830 que era empregado na Casa da Moeda onde começara por simples praticante chegando pelo seu aturado trabalho, proficuo estudo e natural talento até 1.º gravador estando aposentado ha alguns annos.

Em 1833 assentou praça e serviu no exercito libertador e mais tarde fez todos os estudos que indicámos. E trabalho seu o cunho das actuaes estampilhas do imposto do sello para o continente, ilhas adjacentes, e ultramar.

Trabalhando sempre até avançada idade algumas distincções honorificas obteve. Assim, foi condecorado com o grau de official da ordem de S. Thiego por serviços artisticos, em 1884.

Em 25 de setembro de 1881, D. Affonso XII de Hespanha agraciára-o nomeando-o cavalleiro da ordem de Izabel a Catholica.

Foi, pois, um notavel artista no seu genero e um illustre portuguez que se perdeu.



LUCAS EVANGELISTA TORRES

FALLECIDO EM 4 DE AGOSTO DE 1895

Era o decano dos typographos portuguezes. Lucas Evangelista Torres foi um prestimoso propagandista que muito honrou a sua nobilissima profissão de typographo.

Começando a exercer a sua industria, em epochas de bem triste memoria para nós, bastantes vezes foi victima das perseguições civis, que a elle, como liberal convicto que era, lhe moviam os inimigos da Liberdade. Quantas vezes a sua typographia foi assaltada por emissarios do governo, quantas vezes destruida.

É verdade que os inimigos tinham razão: d'alli sabiam os mais vibrantes brados de liberdade, d'alli, impressos em segredo nos prelos manuaes por Lucas Torres, sahiam alguns jornaes e pamphletos que muito contribuíram para a propaganda liberal.

Todavia escondido ora qui, ora acolá lá ia imprimindo os vibrantes originaes de Antonio Rodrigues Sampaio, para o *Espectro*; os originaes biliosos e chocarros do padre João Candido de Carvalho, esse celebre jornalista satyrico e verrinoso do *Cortador*, do *Azorrague*, do *Democrata*, o redactor do *Rabecão* de impagavel memoria.

Proseguindo n'esta sua arte que tantas incertezas e desgostos lhe proporcionava no meio da falta de segurança que caracteriza as lutas civis, Lucas Torres, que já estudara para medico, foi illus-

trando o seu espirito por varias leituras e pelo convívio com os principaes homens de letras.

D'ahi o tornar-se um escriptor a quem não faltavam primores de estylo nem erudição de conhecimentos de variada natureza.

E assim que o vemos nos ultimos vinte e cinco annos, tendo-se já avantajado ás largas emprezas editoriaes. editar a *Educação Popular* collecção de desasseis volumes sob a direcção de Pinheiro Chagas; a *Encyclopedias das Familias* que já hoje conta mais de cem volumes com notavel applauso e lisongeira acceitação do publico; a *Biblioteca Universal* collecção de quarenta volumes sob a protecção do grande Visconde de Castilho, e na qual collaboravam os mais notaveis escriptores.

E' na *Encyclopedias* que Lucas Torres escreveu mais e ali se prova o que deixamos dito. Em outras publicações taes como os periodicos a *Federação* e o *Artista* tambem collaborou notavelmente.

Das suas aptidões, escriptor e editor, resultou o bom exito de muitas emprezas d'esse genero.

Caracter exemplar, repartia sabiamente o seu tempo pelos seus multiplices encargos e trabalhos de administração da sua importante casa. Nella educou na vida pratica do trabalho, n'um certo meio litterario—artistico seus filhos hoje seus successores os bem conceituados editores, João Romano Torres, cujo caracter diamantino tranzuz o espirito e educação de seu pae, e Manuel e Fernando Torres, habeis typographos.

*

O venerando ancião e honrado trabalhador que a morte arrebatou ao anoitecer do dia 4 de Agosto do presente anno, contava 72 annos de idade pois que nasceu em 1822 a 18 de outubro. Filho de um convicto liberal, Manuel de Jesus voluntario das tropas de D. Pedro, onde chegou ao posto de capitão, o nosso biographado tinha o nome de Lucas Evangelista da Rocha Torres de Jesus, e quando seu pae falleceu, andava estudando para medico, tão adiantado que já ia no 1.º anno de hospital, porém essa morte não lhe deixou continuar os estudos. Todavia, ha indícios de que seu pae era riquissimo, negociava em larga escala em vinhos, tinha grandes armazens lá para a rua dos Bacalhociros, junto da celebre *Casa dos bicos* mas tendo um socio que por não haver nem escriptura nem outras maiores provas que podessem valer nas epochas calamitosas de luctas civis que atravessava a nossa patria, Lucas Torres viu-se esbulhado da herança paterna.

Assim, muito novo, orphão e pobre foi para a typographia de um seu parente e ali aprendeu tão sublime arte, á qual fez progredir e se engrandeceu no honroso mister de editor illustrado e consciencioso, adquirindo justa fama entre os da sua classe e contando innumerables amigos. Era um caracter lhano e affavel, a que idade dava um modo paternal e bom que fez com que a sua morte se tornasse bastante pranteada por seus amigos e collegas.

Lograr deixar sómente bem saudosas recordações no fim da sua longa e trabalhosa vida, entre aquelles que com elle conviveram, é a expressão mais eloquente da grandeza do seu espirito e coração.

Por isso bastante sentida foi a sua morte, sentimento a que sinceramente nos associamos.

Páz á alma de tão venerando trabalhador!

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1895

Está no prélo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras. Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37